



BREVE INTRODUÇÃO À TEORIA LITERÁRIA

FORMALISMO RUSSO

Corrente associada com o Circo de Moscovo, cujo grande impulsionador foi o célebre trapezista barbudo Victor Chklosky. O seu *sketch* paradigmático consistia em vestir-se de licra «leoparda» e manipular malabares em chamas enquanto defendia a especificidade autocontida da linguagem poética e a necessidade de preservar a completa autonomia da obra de arte. O patriarca do movimento foi o grande **Roman Jakobson**, que conseguiu ultrapassar com dignidade um nome terrivelmente evocativo de uma doença neurológica degenerativa para nos deixar, entre outras coisas, um espectacular tratado sobre os pólos metafórico e metonímico da linguagem. O formalismo russo deve, em última instância, ser sumariado nas seguintes proposições: *a)* a arte é essencialmente *forma* movida por *técnica*; e *b)* é preferível uma pessoa andar entretida com isto da arte do que sujeitar-se a alancar com fardos de trigo num campo de trabalho forçado na Ucrânia.



ESTRUTURALISMO

Movimento intelectual multidisciplinar surgido em França na década de 50, o estruturalismo assenta numa tese central, importada da linguística saussuriana: a de que qualquer rede simbólica possui regras gramaticais complexas, nas quais cada componente individual deriva o seu significado de um contexto cultural mais vasto. Metodologias foram posteriormente desenvolvidas pelo antropólogo Lévi-Strauss como resposta a emergências teóricas específicas, nomeadamente a necessidade de meter conversa com as miúdas giras dos trópicos (exemplo: «O que é que uma miúda como tu está a fazer numa estrutura como esta?»). A ideia básica era afastar progressivamente a análise literária da obra individual em direcção a uma compreensão das infra-estruturas mais vastas que a contêm. O trabalho de Lévi-Strauss teve repercussões profundas nos cenários de engate intercontinental de toda uma geração; ainda hoje é praticamente impossível piscar o olho à Solange em Copacabana sem pensar que a precedência contextual determina a posição do signo linguístico dentro do sistema.

TEORIA MARXISTA

Diametralmente oposta ao formalismo russo, a teoria literária marxista defende que toda a produção literária é determinada por forças sociais, e que nem sequer vale a pena ir à bola nestas condições. Algumas das convenções do romance realista são tradicionalmente interpretadas como instrumentos de validação ideológica das estruturas existentes. Nos momentos mais difíceis, até a gramática é denunciada como inimiga do povo, ao facilitar, nas palavras de Terry Eagleton, a legitimação política do Estado. O mais criativo marxista foi provavelmente **Louis Althusser**, um chanfrado de dimensões colossais que ergueu todo um edifício teórico predicado



Bernard-Henri Lévy

BERNARD-HENRI LEVY

CONSEGUIU EVITAR UM DEBATE

PÓS-ESTRUTURALISTA AO EXIBIR

REPETIDAMENTE A SUA PILOSIDADE

PEITORAL EM PÚBLICO.

na noção de que a própria realidade só anda aqui para camuflar a verdadeira natureza das relações sociais e encher os bolsos aos gatunos, chupistas e larápios, enquanto uma pessoa anda lá na fábrica a trabalhar.

PÓS-ESTRUTURALISMO

O pós-estruturalismo foi descoberto acidentalmente por dois monges de Avignon que procuravam apenas destilar um licorzinho no seu alambique artesanal. As figuras mais associadas com esta tendência (além dos monges anónimos) são Derrida e **Barthes**. Derrida foi o primeiro de uma longa linhagem de intelectuais franceses cujas



sobrancelhas não coincidem cromaticamente com o cabelo (Baudrillard, Bernard-Henri Levy, etc). Um dos mais intensos debates pós-estruturalistas foi provocado pela configuração precisa da sua pilosidade peitoral (Levy conseguiu evitar um debate semelhante ao exibir repetidamente as evidências em público), sendo que a posição dos que defendiam tratar-se de uma configuração cinza-violeta em forma de ramo de gladiolos é hoje mais ou menos consensual. Derrida escreveu famosamente que «não há nada fora do texto»; muitos dos que tentaram ler *Gramatologia* concluíram resignadamente que também não há grande coisa lá dentro. O pós-estruturalista com mais sentido prático foi Mikhail Bakhtin: durante a Segunda Guerra Mundial, perante a escassez generalizada de papel, usou grande parte das suas notas sobre o desenvolvimento do *bildungsroman* para enrolar cigarros.

PÓS-COLONIALISMO

Ao rejeitarem veementemente a universalidade e intemporalidade do cânone literário, os estudos pós-coloniais engendraram um artifício interpretativo através do qual dezenas de pessoas mortas foram subitamente confrontadas com o facto de terem a pele muito branca e o coração muito encardido. As metodologias críticas preferenciais são o apontar do dedo indicador, o repugnado abanar da cabeça, e a repetição implícita da pergunta «Não têm vergonha?».



O grande virtuoso da modalidade foi **Edward Said**, que olhou para a relação discursiva entre o Ocidente e o Oriente e pensou: «Ai não não não não não.» Segundo ele, as representações literárias do Oriente não têm qualquer relação mimética com as realidades sociais e geográficas que lá se encontram, um dado que pode ser atestado empiricamente por qualquer pessoa que viaje até à Malásia com um guia da Lonely Planet. Quem mais sofreu com tudo isto foi aquela simpática senhora de Worcestershire que todos os anos relia as obras completas de Jane Austen sem nunca ter percebido a porcaria imperialista que tinha nas mãos, coitada. ■

HEATHROW BOOK CLUB

Por motivos de força maior parcialmente associados à sovinice e totalmente associados à cretinice, passei recentemente uma noite inteira no aeroporto de Heathrow, estando em condições de assegurar que não só é possível lá viver uma vidinha tranquila, como é até recomendável: em termos de condições habitacionais a sala de espera alcatifada na zona das partidas representa uma melhoria significativa sobre pelo menos 50 por cento dos hotéis londrinos. As casas de banho são submetidas a violentas desinfecções de meia em meia hora; as carpetes são instantaneamente aspiradas por um grupo de tropas especiais cada vez que uma pessoa deixa cair um neutrino de borboto; há sete agentes da autoridade destacados para cada passageiro. As próprias máquinas de *snacks* são de outro planeta, pelo menos aos olhos destreinados de quem se habituou a não desejar mais do que uma barra de *Snickers* ou um pacotinho de *Doritos*: em Heathrow, com a moeda certa, a máquina prepara-nos salsichas com *bacon* e ovo e ainda nos pergunta se está tudo bem com a família. A principal desvantagem é que as livrarias estão fechadas durante a madrugada, e portanto não se pode comprar um livro de Pynchon para matar as horas, mas mesmo esse problema já foi solucionado pela mão invisível do mercado, sob a forma de um cidadão paquistanês.



Malik faz do aeroporto a sua residência permanente há quase 15 anos. A proeza não é difícil, pois a qualquer altura há sempre meia centena de pessoas a dormir pelo chão; há apenas que manter uma postura discreta e higienicamente viável. Malik tem a situação da higiene mais ou menos sob controlo, mas temo pelo seu futuro se continuar a passear-se em público com – pela minha rica saúde – um exemplar de *Gravity's Rainbow*. A situação é ainda mais absurda: ele não se limita a conhecer a obra de Pynchon («Estou a relê-lo», garantiu-me com sobrançeria), afirma ter conhecido o próprio Pynchon, ali mesmo, em Heathrow, em Agosto de 2001. Reconhecendo os sinais inequívocos do mito urbano, fiz a pergunta óbvia – como é que sabia que era ele? A resposta (pela minha rica saúde): «Não foi imediato; aliás, na altura nem me apercebi. Só muito mais tarde, já depois de ter recapitulado o encontro, me apercebi de uma série de elementos desconexos que estavam, na verdade, associados. Foi como um diagrama a fechar-se na minha cabeça. Era ele, só podia ser ele.» Pausa. «Ou alguém a fazer-se passar por ele.» ■